

Quantas vezes as visões quotidianas não reflectem a forma dos erros, o destino, o que não se quer ver, o que se foi sempre? Uma árvore ou um vizinho por quem passo todos os dias. O *ferry*, à nossa janela. As palavras comuns. Espelhos do plano que a vida cumpre, da geometria do que aqui viemos fazer. Geometria com poder de escolha, que se reflecte no visível, toma a sua forma, assombra-nos. Alguns olhos vêem além da pele das coisas. Ampliam o que é mínimo no conhecido, ecoam aquilo que é singelo, insignificante e despercebido. Lembra-me o cego surdo por quem eu costumava passar, a mendigar na rua. Ao seu pescoço, um pedaço de cartão dizia: “Sou cego e surdo. Ajude-me.” Nada mais. Via-o descer ou subir a calçada cada tarde e atentava na tristeza do homem que a sucinta intimação aos transeuntes assinalava. Passei por ele longos anos, homem que não via quem o ajudava ou ouvia a moeda cair no copo que trazia ao pescoço. Pensava no silêncio dentro da cabeça do mendigo, a deslizar no passeio.

Mas como saber, então, que o cego surdo era eu, ou melhor, a geometria do meu caminho na Terra, minha filha perdida, que somos nós, eu e tu, vivendo? No descampado no raio de visão da nossa janela, a feira de Natal é, ao entardecer, anúncio coruscante intermitente. Armam a tenda os meus mortos, como os ciganos assentam a feira. Chegam após um longo silêncio, saltimbancos. Da janela, avisto a festa. Chamam as crianças, com cores garri-

das e vozeados tonitruantes. Perto do rio, o mundo que erguem é festa, cor e luz, ressuscitados vingam-se e matam saudades da terra. Chamam os meninos para mais uma volta, que é o dia inteiro, o seu eco lança-se ao alto e leva o meu coração atrás, sobre os telhados e a escarpa da serra. “Mais uma volta, meninos e meninas, mais uma volta”, berram e giram, carrossel malfadado, doloridamente alegre. Dentro de casa, escuto-os. Ouço e arrepiamo-me a pele até à carne. Têm a vivacidade da vida roubada à morte, exortam-me a entrar na roda e girar no movimento. “Mais uma volta” — e, a cada volta, são outra coisa, novo traje, chapéu, nova cara. Não cessam de girar e fazer girar a minha alma, acrescentando outra linha de cor a cada vez que cumprem uma volta inteira. Mais uma, estão de novo vivos, de novo me aparecem em espanto. Mais uma — e sou, de novo, menino, todas as épocas desde a primeira desabroçam. Mais uma volta, meus mortos que não querem ir embora, não querem morrer.

Assentaram-na sobre terra batida, aldeia do velho Oeste, barracas onde se vendem chupa-chupas coloridos, algodão-doce, um carrossel triste para crianças encasacadas, estrelinhas douradas no escuro, velhos sobem a feira tais os fantasmas vogam nos sonhos. Os carrinhos de choque e a roda da glória lançam *flashes* rosa-choque e verde-vivo. As estrelinhas piscam. Ouço o tropel que acorre à feira, bater dos pés na terra sob a humidade, rumor que são, à distância, gemidos, e cujo eco se projecta sobre os telhados do bairro dos pescadores até acudir à janela onde fumas, cigarro após cigarro, o fumo encontra o coro alegre. Na escuridão vigiada pelos olhos dos navios cargueiros, à medida que o relógio dá os segundos, a saleta repleta de plantas e da tua fumarada, o eco do grito do homem dos carrinhos de choque a chamar a pequenada. *Oh... Oh... Opá...* O eco gagueja a chamar os meninos, que, enregelados, pedem aos pais mais uma volta. É o senhor dos carrinhos de choque ao microfone, camisa preta, chapéu preto, cieiro nos lábios.

“Sou cego e surdo”, diz o pedaço de cartão ao pescoço do homem. A visão é barulhenta e cheia de gente. Uma mulher põe uma moeda no copo que o homem traz ao pescoço. O tronco do

homem assente, talvez agradeça, mas sabemos que não a vê ou ouve, não ouve a moeda a cair no copo ou o barulho da rua. Não vê ou ouve a estrada, os carros, as crianças. O cego surdo erra pela rua sem ver ou ouvir quem o ajuda. Eu erro pela vida e não sei quem me corrige. Que somos nós para ver e ouvir a mão que nos salva? Tantas as aflições, tamanha cegueira. Já me contenta não deixar que comas a mão que te estendo. Contento-me de não comer a mão que me deste. Sair de casa com uma tabuleta ao pescoço, a mendigar. Confiar a refeição do dia à rua apinhada. Seguir na turba indiferente, a tocar um sino para que nos vejam, ouçam, sino que não ouvimos. Parecido comigo diante dos livros da biblioteca dos meus antepassados. Qual deles me valerá, e em que agonia? Escrevo, leio, regresso, parto, não vejo ou ouço quem me ajuda, quem me ajuda a valer-te, Vera. *Oh... Oh... Opá*. O eco da voz do senhor dos carrinhos é toda a cidade. Mas tange brando, suplicante, de vinte em vinte segundos, à medida que o teu cigarro arde e chega ao fim. Traz uma paz da infância, doutros carrinhos de choque, doutra feira, já noutro século, era eu criança e o senhor ainda não andava nos carrinhos. Na noite, o eco põe-me no assento de um carrinho de choque ao lado do meu pai, sinto o algodão-doce na boca, importa só a doçura do conto em que o eco me lança, doutra feira, noutra cidade, noutro tempo, importa só que o conto seja maravilhoso. E, ao ecoar, *oh... Oh... Opá*, está de novo viva a legião dos mortos, vivos os livros da biblioteca, pessoas gigantes, estou de novo a subir o escadote e arrumo-os até ao tecto na delicada estrutura de madeira que não se entende como não desmorona. Vou de novo contra o carrinho da frente, *Pás!*

Outro homem na rua anda com um carrinho de bebé e um cão velho. Pergunto-me o que leva o carrinho e, semanas depois, consigo espreitar. É tudo o que tem. Quatro broas de milho duras, um jornal velho, óculos e o boné que põe na cabeça quando está sol. Leva a casa no carrinho, estranho bebé, efígie de alguém que não morreu. Vendo-o, carrinho na mão, parece que alguém chora lá dentro. O homem senta-se no banco e inclina-se sobre a criança.

Saca o jornal e põe-se a ler. Quase ilusionista, tem pombas na cartola, a cada vez que põe a mão no carrinho sai uma coisa diferente. Passa o dia no banco e, de noite, levanta-se, leva o carrinho até à ruína e lá dorme com os gatos, tapado com as silvas, numa cama feita com um colchão usado. Da janela do terceiro andar, vejo-o a dormir ao relento, o céu aberto, e ele deitado, o cão aos pés. À minha porta, o senhor tenta meter conversa comigo. Vemo-nos todos os dias. O seu cão velho é o dono da rua, cheira a todos. Mas a atenção fica-me no bebé que o homem guarda, na forma como a função do carrinho abre à imaginação a ideia de que leva ali uma criança e pergunto-me se se sente por ela acompanhado, se alguma vez o carrinho de bebé é não só forma de transportar a tralha, mas companhia quase humana. Que é a rua onde vivo senão um circo? É pelo menos o que penso ao ver o senhor, que anda ali com a criança, talvez com o neto, e que é ela quem, estendendo a mão, lhe estende toda a sorte de surpresas, cada vez que o homem tira do carrinho mais uma relíquia. Para quem o vê na rua, sentado no banco, o homem ao lado do carrinho não está só, mas acompanhado. A sua casa é a concha de um caracol, onde se esconde uma pessoa, por metonímia estranha. O carrinho transfigura o homem desabrigado e faz dele avô a levar o neto ao jardim. Por momentos, escassos que sejam, o velho está menos sozinho, pertence-lhe alguém, alguma vida, por momentos o carrinho de bebé é o princípio de uma morada. Em cima da cómoda do *hall*, a fotografia de tio Custódio, meu antepassado. Digitalizo mortos, faço dos mortos dedos, munido de todo o género de maquinaria sofisticada para o efeito. São tardes de domingo, noites de sábado, passo-as no escuro a ampliar os seus narizes, a ver à lupa a brilhantina, as sobranceiras, os sinais na cara, tios de que não me lembro.

Vou bebendo chá, é um silêncio, uma casa sem filhos. E, quanto mais a noite progride, mais o silêncio é enorme, colossal, *oh... Oh... Opá*, cortado pelo eco do anúncio dos carrinhos de choque, refrão ininteligível, mais o não termos descendência, mais a calmaria doce nos distrai de que um dia seremos tio Custódio das

noites de alguém, tenhamos a sorte que ele teve. Talvez, quando, como esse Custódio, terminarmos, haja ainda alguma coisa para ver. Seremos nós variação de que antiquíssimo componente seu e de quantos tios houve? Como sabê-lo, antes de tudo terminar para sempre?

A minha grande biblioteca são os meus antepassados. Passeio por eles, estante a estante. Cheiram a pó, estátuas perfiladas. Um grande pé de pedra, um busto enorme, um antebraço do tamanho de um prédio, tesouros da Samotrácia onde nasci. Cada volume é um livro gigante, encadernado, maior do que eu. Levo as noites a arrumar a biblioteca, enquanto sonho. Empoleirado num escadote de ferro, equilíbrio-os parede acima até ao tecto. Aranha a fazer a teia, não há como entender que as finas tábuas de madeira nas quais os assento aguentem tamanho peso. Quanto mais tempo passa, mais a biblioteca engana. Quanto menos sei do lugar de onde vim menos lhe escapo.

O ramo genealógico que começou no meu pai e na minha mãe terminará em breve. Sou o fim. É isto de noite, janela aberta, os carrinhos chocam uns contra os outros, é o fim de todos contra todos, *oh... Oh... Opá...* Quem são estes velhos senão eu, pais de filhos que não nasceram, a carregarem bugigangas, burros de carga de prole insólita, quem, senão eu, a passear a nossa filha por nascer pela rua, quanto me resta, pobre concha, nossa filha de trapos? Cego e surdo, erro pela calçada, não sei a quem mendigo. As gentes passam e enchem de moedas o meu chapéu. Não posso agradecer-lhes. É vão pedir desculpa por usar a palavra eu junto de ti, Vera. *Oh... Oh... Opá...* o senhor dos carrinhos tem sono e frio, não come desde manhã. Chegou Janeiro. Levantam a feira de Natal, e partem. Sobre a cidade já não tange o *oh... Oh... Opá...* do senhor dos carrinhos. Parecia eterno, mas a esta cidade seguir-se-á outra, e outra, e outra na volta do carrossel. Já não vibra nos telhados o “Mais uma volta, meninos e meninas”. Onde havia feira, restou, ao crepúsculo, o descampado dourado. A névoa cinza-carimbo desperta os bandos de gaiotas que sobrevoam a lota esganados de fome. Também as danças dos mortos

se calam. A feira foi e com ela os fantasmas. Quem sabe o senhor dos carrinhos levou daqui o coração partido por uma beldade da terra como tu não partiste o meu.